



---

**URBANA: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade**

---

**José Carlos Huapaya Espinoza**

jhuapayae@gmail.com | Universidade Federal da Bahia

**Eder Luís Villarpando**

edervillarpando@gmail.com | Universidade Federal da Bahia

**Charges e cultura visual:**

Um olhar sobre a problemática da cidade brasileira através da revista arquitetura, 1961-1968

**Editorial cartoons and visual culture:**

A look over brazilian cities issues through arquitetura magazine, 1961-1968

**Caricaturas y cultura visual:**

Una mirada a la problemática de la ciudad brasileña a través de la revista Arquitectura, 1961-1968

**Resumo | Abstract | Resumen**

**1. Apresentação**

O presente artigo é resultado de uma pesquisa maior na qual interessa-nos entender as novas visões, o surgimento de novos agentes e as novas propostas para a construção da cidade brasileira entre as décadas de 1960 e 1970. No âmbito da história do urbanismo e da própria formação das principais capitais do país, esse período é importante para entender grande parte da problemática urbana atual entendida, em especial, através dos processos e características da

urbanização e a crise de habitação, só por citar alguns.

Nesse contexto percebe-se uma ampliação da atuação e posição crítica e política de alguns profissionais diretamente incumbidos com essa temática, entre eles os arquitetos, urbanistas e planejadores urbanos. De forma mais ampla, essa tendência relaciona-se e pode ser compreendida como sendo resultado dos ecos e das discussões realizadas, defendidas e divulgadas em fóruns especializados na escala continental, nos quais vai chamar a atenção para um maior envolvimento na esfera pública (e na política) desses profissionais, como veremos mais adiante.

Por essa razão, entende-se, e não é uma novidade, que parte de suas ações nesse sentido não se limitassem simplesmente a sua labor como projetistas. Pelo contrário, percebe-se que o julgamento (seja em jornais, revistas especializadas etc.) se acentua diante determinadas questões tornando-se cada vez mais incisivo, ainda mais quando se tratava de veículos de organizações profissionais. Esse foi o caso, por exemplo, do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) e, mais especificamente, da sua revista *Arquitetura* (1961-1968).

Assim, neste artigo, inicialmente, voltamo-nos para o entendimento e caracterização do conceito de “Cultura Visual” como a atribuição de significados a imagens partindo de uma perspectiva cultural para depois, relacioná-lo com charges e caricaturas e seu uso por parte de profissionais da área como alternativa de comunicação mais direta e eficaz. Em seguida, focamo-nos na análise e estudo de *Arquitetura*. A escolha dessa revista e, portanto do IAB, não é aleatória, pelo contrário, trata-se de uma das entidades mais antigas dedicadas não só à arquitetura, mas, também, à cidade no Brasil (IAB-BA, 2017).

## **2. Cultura Visual como conhecimento intuitivo do mundo**

Cultura visual diz respeito à atribuição de significados a imagens a partir de uma perspectiva cultural (BAXANDALL, 1996). Isso implica dizer que esse campo de estudo transdisciplinar se dedica às construções culturais da experiência visual da vida cotidiana, assim

como acontece nas mídias, representações e artes visuais (MITCHELL, 1994); ela engloba como objetos de estudo e observação todos os tipos de imagens como desenhos, pinturas, mapas, fotografias, vídeos etc. Nesse sentido, o conceito democratizante da Cultura Visual vai de encontro com noções hierárquicas presentes na história da arte no que tange à apreciação crítica de imagens, mas também implica a decodificação estética através de estilos usados para sua construção rompendo assim a barreira do que é considerado arte; ainda, transfere a análise das figuras e representações imagéticas do autor, e sua suposta intenção ao criar, para o observador, levando em consideração as construções sociais e o contexto no qual o receptor está inserido, referindo-se ao seu mundo interno de visualização que faz apelo à imaginação, à memória e à fantasia. (KNAUSS, 2006).

Este é o grande poder das imagens. Através dessas representações é possível aguçar a sensibilidade das pessoas e alimentar nelas a criação de conexões, o poder de descobrir, de resignificar, de se colocar no lugar do outro, de mudar percepções e atribuir sentido a algo a partir de sua própria bagagem cultural e de conhecimentos históricos. Ao respeito Martins afirma que:

A interpretação crítica se fundamenta em teorias contemporâneas que abrem espaço para pensar arte e imagem como parte e práxis de uma comunidade interpretativa, de uma cultura visual. Fundamenta-se também no princípio de que arte e imagens nos interpelam e nos formam, os significados mudam, mas ao mesmo tempo revelam uma dimensão do nosso pensamento coletivo e de nossas projeções, imaginárias ou sociais. Como concepção pedagógica, a interpretação crítica é uma abordagem transdisciplinar ou multidisciplinar que trata arte e imagem como narrativas socioculturais no contexto de diversas práticas sociais. (MARTINS, 2006, p.76)

Os estudos da Cultura Visual não se restringem unicamente ao estudo de representações e imagens em si. Abrangem também práticas cotidianas de olhar e expressão. A imagem “condensa a visão comum que se tem do passado, portanto pode ser caracterizada

como expressão da diversidade social, exibindo a pluralidade humana” (KNAUSS, 2006, p.99).

Outra característica das imagens é que elas possuem potencial de comunicação universal, que não necessariamente pode ser traduzido pela escrita: fotografias cotidianas da vida de diferentes grupos sociais podem gerar novos enfoques históricos; grafismos urbanos podem ser o ponto de partida de análises antropológicas; desenhos podem conter críticas políticas/econômicas/sociais das mais diversas. Assim como na cultural oral, o foco é na percepção e abstração do fruidor, e esse é um dos motivos pelo qual estudos historiográficos tendem a colocar a interpretação das imagens em segundo plano perante textos escritos.

Mas essa postura vem sendo modificada através da presença massiva de imagens no dia a dia da sociedade atual. A “tendência moderna de figurar ou visualizar a existência” (MIRZOEFF, 2015, p.4) demonstra uma mudança de percepção a respeito do assunto, e evidencia paradoxalmente que o poder das imagens é muito antigo. Diversos são os registros imagéticos da história humana, carregados de sentido desconsiderados pelos livros de história<sup>1</sup>. A Cultura Visual se presta a considerar os mais variados experimentos visuais ao longo do curso da história, em diferentes épocas e sociedades. Trata-se de caracterizar o olhar enquanto pensamento, transformando-o em objeto de conhecimento histórico (BAXANDALL, 1996). Ou seja, a noção de Cultura Visual deve/pode servir para pensar historicamente.

---

<sup>1</sup> A linguagem escrita é uma fonte de pesquisa histórica fundamental, capaz de direcionar mais objetivamente a compreensão e interpretação de acontecimentos do passado. Essa clareza descritiva contribuiu para a desvalorização das imagens enquanto fontes históricas. Porém, segundo Paulo Knauss, “diante dos usos públicos da história, a imagem é um componente de grande destaque, mesmo que nem sempre seja valorizada como fonte de pesquisa pelos próprios profissionais da História [...]. Alguns destes vestígios visuais tão antigos têm uma longa história, que antecede em muito a escrita e sua hegemonia nas sociedades. Desprezar esta constatação pode deixar em segundo plano uma grande parte da história humana, ou ao menos de um grande universo de fontes para o seu estudo. É por isso que os estudiosos das civilizações de tempos remotos da vida humana com frequência não conseguem escapar da análise das imagens.” (KNAUSS, 2006, p.98 e 99). Posteriormente em seu texto, Knauss faz considerações sobre o conceito de Cultura Visual, e observa como este conceito vem ganhando notoriedade por estudiosos de história da arte.

Segundo Mitchell (1994), o estudo da Cultura Visual nesse contexto demanda uma análise das imagens em seis contextos concomitantes: visualidade, aparatos, instituições, discursos, corpos e figuração. A capacidade da imagem de conter significado se torna factual através de estágios derivados desses conceitos. Assim, para ele:

Visualidade se refere ao registro visual em que a imagem e o significado visual operam. O aparato diz respeito ao domínio do meio de expressão que condiciona a produção e a circulação [...] Ao nos referirmos às instituições, interessa observar as relações sociais organizadas em torno da produção da imagem e sua circulação. Os corpos, por sua vez, lembram-nos a necessidade de considerarmos a presença do observador, do espectador, como um “outro” necessário nos circuitos da promoção do significado visual, e que alguém conduz o controle da imagem. O plano da figuração não permite esquecer que as imagens têm um papel privilegiado no sentido de representar ou figurar o mundo em formas visuais. (MITCHELL, 1994, apud KNAUSS, 2006, p.114)

Os primeiros conceitos, visualidade e aparato, dizem respeito, respectivamente, à: produção da imagem enquanto efeito, ou produto, de uma conjuntura particular capaz de esclarecer um acontecimento, ou representar uma ideia dentro de uma esfera maior, na qual uma teia de eventos, tensionamentos e relações são inerentes; e aos meios, ou canais, pelos quais essa imagem é divulgada, seja através da materialidade da imagem em si, ou da maneira que ela é propalada/difundida. Como aparatos é possível citar, por exemplo, a imprensa ilustrada que se proliferou entre a passagem do século XIX para o XX, tornando o consumo de imagens mais acessível a uma quantidade cada vez maior de pessoas. Jornais e revistas podem usar figuras para trazer uma linguagem complementar aos textos, ilustrando-os, ou podem fazer com que imagens ajam “por conta própria”, sugerindo uma interpretação do receptor que pode estar diretamente inserido no contexto ao qual a imagem se refere ou não. Nesse sentido Marques de Melo (1994) diz que:

O universo opinativo do jornal e da revista não se limita ao texto, mas incorpora a imagem como instrumento de opinião que atende, muitas vezes, ao imperativo de influenciar um público maior que aquele dedicado à leitura atenta dos gêneros opinativos convencionais: editorial, artigo, crônica, etc. (MARQUES DE MELO, 1994, p.162)

A análise de periódicos, especializados ou não, são de grande valia, por exemplo, no âmbito do estudo da formação das cidades brasileiras, principalmente depois das intensas modificações descortinadas durante o século XX. Publicações da época oferecem um panorama no qual é possível acompanhar o desenvolvimento do pensamento a respeito do tema, configurando-se como importantes canais de aproximação com o passado. Nesse contexto, os estudos de imagens que ajudem a esclarecer essas transformações oferecem novas possibilidades de interpretação dos fatos da época.

### **3. Charges e caricaturas como instrumentos de Cultura Visual**

Utilizando o conceito de visualidade de Mitchell (1994), no qual a imagem é observada como produto de um contexto particular, e de cunho esclarecedor, é possível relacionar o tipo de ilustração conhecida como charge com o tema Cultura Visual. Charges podem ser consideradas como “crônicas visuais” de seu tempo (MAGALHÃES, 2007). São notas gráficas de comportamentos, hábitos e costumes, gravados em seus traços caricaturais.

Muito similares aos croquis arquitetônicos, a maioria dos desenhos nomeados charges, ou caricaturas, são feitas com um número limitado de linhas, com traços aparentemente rápidos e certos (AMADO, 2013). Nessa constatação fica implícito que tanto um quanto os outros, almejam sintetizar e simplificar a essência de algo, demonstrando suas principais características de maneira direta. Para essa tarefa é necessário que o autor seja um bom observador, capaz de capturar com sucesso particularidades a respeito de algo ou

alguém, para que assim sejam facilmente reconhecidas por um espectador.

Paralelo aos croquis, muitos arquitetos prestigiados produziram caricaturas, que não receberam a mesma atenção de seus desenhos arquitetônicos, mas que expressam sensibilidade ímpar, além de delicadas ironias. Suas caricaturas são geralmente apenas esboços mal terminados, sem muitas pretensões, pois não precisam ser submetidos a um processo de revisão, que geralmente acontece com peças gráficas publicadas em meios impressos. Desenhos realizados por arquitetos de renome internacional, como Le Corbusier (1887 - 1965) e Alvar Aalto (1898 - 1976); ou de reconhecimento nacional, como Oscar Niemeyer (1907-2012) e Assis Reis (1926 - 2011), entre muitos outros, permitem uma aproximação de suas personalidades artisticamente inquietas. Ao respeito Osório (2010) afirma que:

Os arquitetos do Movimento Moderno atuaram na primeira metade do século XX, aprendendo a desenhar no auge das caricaturas de jornal, uma "época de ouro" na qual os jornais dedicavam grandes áreas às caricaturas, impressas em preto e branco devido às limitações técnicas das prensas. Jornais e revistas exigiam bons caricaturistas naquela época. Mesmo em publicações com um orçamento limitado, eles eram mais bem remunerados do que fotógrafos ou laboratórios fotográficos. (OSÓRIO, 2010, apud. AMADO, 2013, p.102, tradução nossa)

As caricaturas do arquiteto Alvar Aalto nunca foram propriamente publicadas, mas alguns de seus desenhos produzidos durante a IV conferência do CIAM (Congresso Internacional da Arquitetura), realizada em 1933 na Grécia, são relativamente conhecidos entre os admiradores de seu trabalho (AMADO, 2013). Nesse encontro, Aalto desenhava rapidamente participantes das mesas de discussão e palestrantes, como o historiador Sigfried Giedion, e os arquitetos Richard Neutra e Le Corbusier (Figura 1).

A famosa Carta de Atenas francesa<sup>2</sup>, escrita por Corbusier, foi fruto das impressões do autor sobre as discussões ocorridas durante a IV CIAM, e é sem dúvidas o documento mais conhecido pelos estudiosos do tema. As resoluções desse congresso nortearam a determinação de diretrizes para o urbanismo funcionalista moderno, influenciando bastante o traçado das cidades latino-americanas a partir dos anos de 1940. Le Corbusier foi ávido representante dos ideais discutidos no evento, viajando o mundo em busca de disseminá-los. Exímio caricaturista (principalmente de si mesmo), suas viagens intercontinentais estão simbolicamente representadas na Figura 2, em que o arquiteto desenha a si próprio “cruzando” o atlântico de Nova Iorque em direção a Paris.



Figura 1: Caricatura de Le Corbusier. Alvar Aalto (1933).  
Fonte: AMADO, 2013

<sup>2</sup> Existem várias “versões” da Carta de Atenas. A primeira é a própria ata do IV CIAM, que foi divulgada nos Anais Técnicos da Câmara Técnica de Atenas. A segunda versão, publicada em 1941, é de autoria de Le Corbusier, e conta com sua análise particular do conteúdo discutido no congresso, e dos escritos oficiais. A terceira variante foi publicada no EUA em 1942 por José Luis Sert. E a quarta é uma versão em holandês, que compara criticamente o texto de Corbusier com o da ata do IV CIAM. (ALMEIDA, 2010)





Figura 2: Autocaricatura. Le Corbusier (1935).

Fonte: PHAIDON, 2008

O arquiteto sergipano Assis Reis<sup>3</sup> também possui um vasto acervo de desenhos caricaturais. Em meados dos anos de 1990, ele prestou assessorias e consultorias à Secretaria Municipal de Urbanismo do Rio de Janeiro em projetos transformadores, como o “Rio-Cidade” (1995) e o “Favela-Bairro” (1996), que a partir de 1997 passaram a ser administrados pelo então prefeito eleito Luiz Paulo Conde (1934 - 2015), também arquiteto e urbanista, e amigo de longas datas de Assis. Na Figura 3 vê-se, em um de seus desenhos, ao

---

<sup>3</sup>Formado pela Universidade Federal da Bahia em 1957, Assis chegou a Salvador anos antes para trabalhar como desenhista e topógrafo na implementação das diretrizes do EPUCS (Escritório do Plano de Urbanismo da Cidade de Salvador), que elaborou uma proposta “híbrida” para a cidade influenciada pelas teorias de Burgess, Guedes e Le Corbusier. (FERNANDES; SAMPAIO; GOMES, 1997)

prefeito nos braços das crianças na festa de inauguração de uma rua asfaltada da Favela Serrinha<sup>4</sup>.

Charges e caricaturas são essencialmente ilustrações humorísticas feitas objetivando a sátira de algum acontecimento de um momento determinado, são imagens carregadas de sentido que expressam o ponto de vista de quem as criou através do humor, exagerando positiva ou negativamente as características psicofísicas de uma pessoa, um fato, ou a forma como um acontecimento se desenvolveu (CODEBÓ, 2011).

Figura 3: Caricatura de Luiz Paulo Conde. Assis Reis (1997).

Fonte: <<http://acervoassisreis.com.br/caricaturas>>. Acesso em: 17 mar. 2017

---

<sup>4</sup> A comunidade foi uma das quinze contempladas pelas melhorias estruturais da primeira fase do projeto “Favela-Bairro”, cujo objetivo era construir ou complementar a estrutura urbana principal (saneamento e democratização de acessos) das favelas consolidadas, e oferecer condições sociais e ambientais de transformação e integração da favela como bairro da cidade. (MENDES, 2006)

As charges são bastante utilizadas para fazer críticas de natureza política, e conseguem atingir um grande público já que são normalmente publicadas em meios de comunicação impressos, como jornais e revistas.

Na cultura visual, entendemos que a charge caracteriza-se como uma ferramenta de comunicação ideológica, sendo, neste caso, integrada ao texto jornalístico, realizando uma releitura do fato exemplificado pelo editorial ou pelo texto do leitor, dotada então de um sistema de ações mediadas pelas questões do cotidiano que possui particularidades integrantes na interação social. O humor presente em cada uma das charges funciona como mediador entre a realidade representada e o discurso empregado na charge que faz referência a esta mesma realidade. (FERREIRA, 2011, p.78)

Uma experiência representativa do uso de charges como ferramenta de comunicação ideológica foi o caso do jornal peruano *El Comercio*, que entre 1947 e 1950 publicou charges e caricaturas, além de peças escritas, que refletiam o ideário da *Agrupación Espacio*, um coletivo de profissionais e estudantes que se reuniram com a finalidade de “modernizar” a arquitetura e a arte no Peru. As ideias vanguardistas do grupo se tornaram públicas através de um espaço semanal cedido a seu líder, o arquiteto Luis “Cartucho” Miró Quesada (1914-1994), que era filho do diretor do jornal.

Grande divulgadora da linguagem arquitetônica com influências de Le Corbusier e da Bauhaus, a *Agrupación Espacio* oferecia oposição a movimentos nacionalistas e historicistas que cresciam nesse país desde o início do século XX (VICTORIO CÁNOVAS, 2013), reagindo contra às experiências arquitetônicas ecléticas/neocoloniais. O grupo acreditava que as obras de arte do passado, incluindo a arquitetura, eram fruto de necessidades e percepções de uma época, pois cada tempo teria seu espírito e cada forma responderia a um momento determinado. Na Figura 4, o arquiteto e chargista Adolfo Córdova satiriza o profissional que oferece os moldes históricos de habitação como produtos, e o coloca na posição de mero vendedor. No texto na parte inferior da imagem lê-se: “O plano de todos é igual, diga-nos

que tipo de “fachada” você gosta e nós a procuraremos se for necessário (?). Se desejar pode ser em “estilo” Andino, Neoclássico, Tudor, Arequipeño ou Neoperuano [...]” (tradução nossa).



Figura 4: Charge de Adolfo Córdova para *El Comercio* (15 abr. 1948).



Figura 5: Charge de Adolfo Córdova para *El Comercio* (11 nov. 1948).

O grupo acreditava que o homem era um ser de seu tempo, e que obras e elementos construtivos muito característicos de outra época não deveriam ser reproduzidos em tempos presentes, pois não faziam mais sentido funcionalmente nem historicamente. Nas figuras 5 e 6, a crítica à remodelação da *Plaza de Armas*, obra que se estendeu por toda a década de 1940 e início da década de 1950, foi habilmente elaborada com os desenhos de Córdoba. Em “La balconización de la Plaza de Armas”, acompanhada do texto “La feria de los balcones” de Miró Quesada, Córdoba ilustra a remodelação desse espaço público, exagerando a escala dos balcões e coberturas para demonstrar o teor teatral e artificial que possuíam (CERNA, 2014).

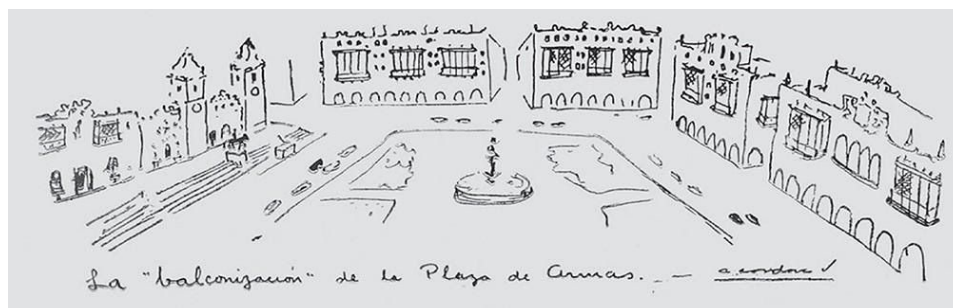


Figura 6: “La balconización de la Plaza de Armas”.  
Charge de Adolfo Córdoba para *El Comercio* (11 nov. 1948).

As charges e caricaturas sintetizavam as ideias inovadoras do grupo, além de elucidar e endereçar as problemáticas dos textos da sessão. Além disso, tinham a capacidade de despertar a atenção de leigos que conseguissem se relacionar com as imagens.

Uma linguagem similar foi usada por um dos intelectuais conservadores que se opôs às ideias da *Agrupación Espacio*. Hector Velarde (1898-1989), arquiteto, historiador e hábil desenhista, chegou a usar ilustrações para elucidar seus escritos. Em seus textos, demonstra-se contrário à “volta ao passado” nas construções, mas também às inovações internacionais, que segundo ele, desconsideravam diversos aspectos históricos, particulares de cada lugar, que precisavam ser observados. Velarde ao longo de seu

percurso profissional levantou diversos questionamentos a respeito da produção arquitetônica e urbana em Lima, no Peru. Dentre sua vasta produção de desenhos caricaturais, as figuras 7, 8 e 9 mostram a tentativa do arquiteto de mostrar a variedade de estilos arquitetônicos de Lima, criticando uma tendência da época em imitá-los, mas sem deixar de temer o “novo” moderno como enfatiza Marta Cisneros:

Lima es una ilusión de arquitectura pétreo. En ella se dan muchos estilos como el tudor, colonial, renacentista, gótico, buque, etc. Lima imita arquitecturas de hace cientos de años y las pinta para que parezcan de verdad. Él (Velarde) pone en evidencia esta realidad y la crítica argumentando que así no se respeta el pasado ni la tradición y tampoco se va hacia el futuro. Esta práctica es para él una forma de realización del vacío, de la nada. Lo nuevo debe contener el espíritu del arquitecto y de su Pueblo y en Lima lo nuevo asusta. Se le teme un poco a la vida. (CISNEROS, 2015, p.184)

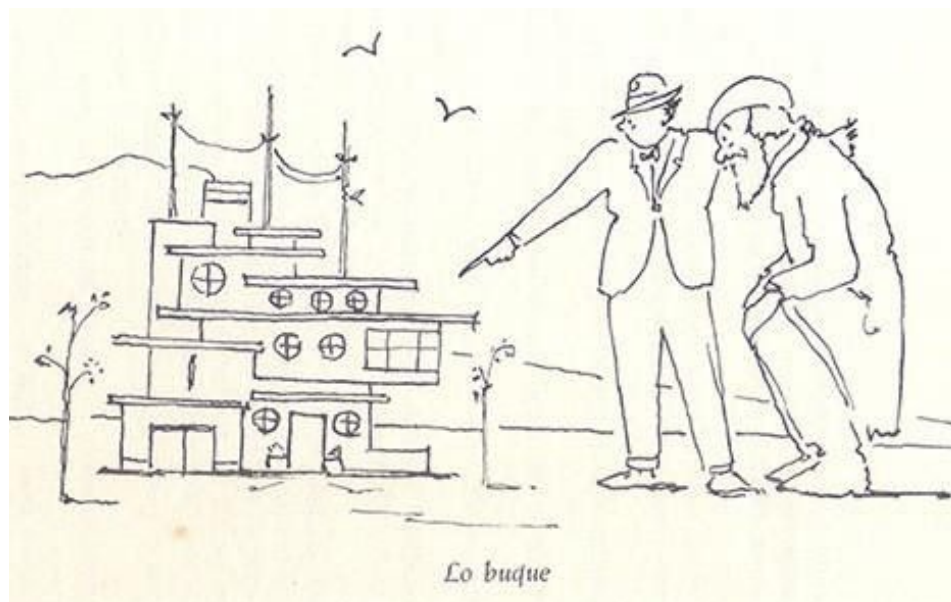


Figura 7: “Lo Buque”, charge de Hector Velarde.  
Fonte: VELARDE, 1966.





Figura 8: “Lo Tudor”, charge de Hector Velarde.  
Fonte: VELARDE, 1966.



Figura 9: “Lo Colonial”, charge de Hector Velarde.  
Fonte: VELARDE, 1966.

As experiências aqui abordadas demonstram que para interpretar o significado de uma charge, é necessário estar à par dos acontecimentos vigentes no momento de sua criação. Não obstante a charge ser uma técnica atrelada aos princípios do desenho, e poder ser apreciada através de valores artísticos (FERREIRA, 2011), ela também tem em sua essência a característica de poder expressar sinteticamente uma ideologia. Quando contextualizadas charges se tornam verdadeiros documentos históricos.

#### **4. Charges em *Arquitetura*: Por uma visão crítica ao problema da habitação e da cidade**

No Brasil, um caso interessante que se aproxima da abordagem aqui proposta refere-se à revista *Arquitetura*, órgão oficial do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) (Figuras 10 e 11). Criada em 1961<sup>5</sup> sob o nome de *Guanabara*, a revista coincide, temporalmente, com uma série de acontecimentos e problemáticas na escala nacional (dentre eles a Ditadura Militar) que influenciaram diretamente a escolha de temáticas específicas. Nesse sentido, por exemplo, na sua primeira edição deixava-se clara a posição política dessa agremiação ao afirmar-se que: “Existe uma luta. Nenhum arquiteto brasileiro que tenha consciência de seus deveres como arquiteto e de brasileiro pode se alheiar à luta básica de nossa profissão” (EXISTE, 1961, p.8). Além disso, pretendia-se criar um “verdadeiro veículo de cultura destinado não só aos profissionais de arquitetura como a todos os que no Brasil se empenham nas soluções de nossos problemas sociais e culturais” (EDITORIAL, 1962, p.3).

Uma análise de todos os exemplares publicados ao longo dos oito anos de circulação da revista (1961-1968) permite-nos identificar

---

<sup>5</sup>Entre agosto de 1961 e abril de 1962, período que corresponde à publicação dos cinco primeiros números, foi chamada de *Guanabara* por causa da sua vinculação direta ao IAB-Guanabara. A partir de dezembro de 1962 passou a ser chamada de *Arquitetura* após constituir-se no principal veículo de difusão do IAB. Entre 1961 e 1968 foram publicadas 77 edições; as seis primeiras apareceram de forma irregular e esparsa, já a partir de janeiro de 1963 elas tiveram uma periodicidade mensal. A revista teve como primeiro diretor ao arquiteto Carlos Eugênio Hime e contou com a colaboração de importantes arquitetos no Conselho de Redação, entre eles, Oscar Niemeyer, Eduardo Affonso Reidy, Henrique Mindlin, Paulo Antunes Ribeiro, Marcelo Roberto e Sylvio de Vasconcellos.



temas-chave que vão estar presentes (às vezes mais, às vezes menos) e vão se tornar foco central nas principais discussões: o problema da habitação social, o urbanismo e o planejamento urbano. De fato, no primeiro número da revista se afirmavam como objetivos a serem alcançados:

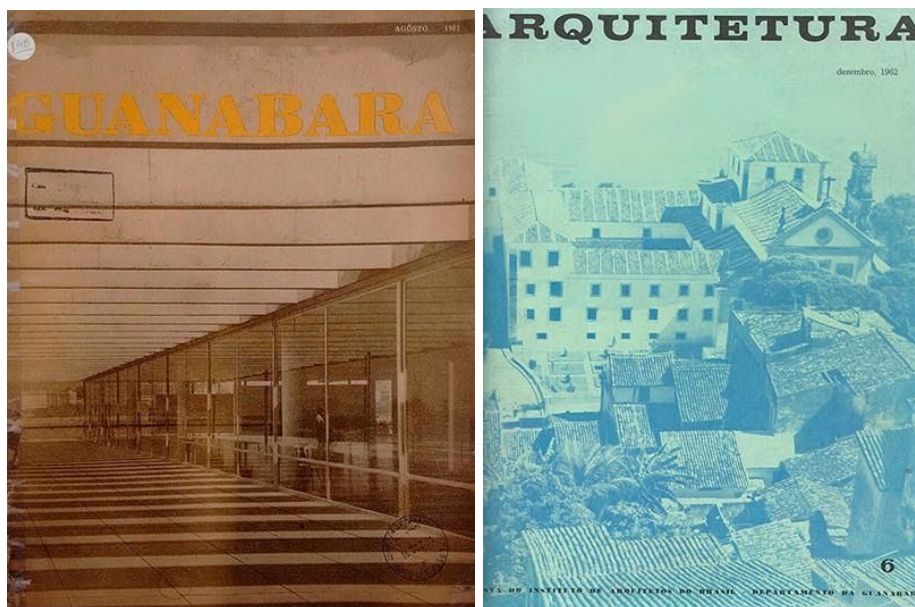
Uma consciência da necessidade de planejamento. Uma política nacional de habitação. A reforma da legislação nacional. A ampliação do mercado de trabalho para o arquiteto. Maior divulgação dos princípios básicos da arquitetura. Defesa do nosso patrimônio estético, natural e edificado". (EXISTE, 1961, p. 8)

Nesse sentido, talvez, um dos episódios mais conhecidos, e bastante estudado, do IAB e de *Arquitetura* é aquele desenvolvido em torno do Seminário da Habitação e Reforma Urbana (s.HRu) realizado em 1963, que por sua vez tem que ser entendido como sendo resultado da crise urbana e habitacional iniciada nessa década (BONDUKI; KOURY, 2010).

Foi nesse contexto de debates e crítica acirrada sobre as políticas públicas brasileiras que surgiram as primeiras charges na revista. A opção pelo uso das mesmas pode ser entendida, no mínimo, a partir de dois aspectos. O primeiro relaciona-se ao interesse e preocupação do IAB por estender e ampliar determinadas problemáticas à sociedade. Já o segundo aspecto tem a ver com a forma como seriam transmitidos esses posicionamentos<sup>6</sup>; quer dizer, como vimos anteriormente, se havia um interesse em criar um “veículo de cultura” e de transformação da sociedade, era necessário propor uma linguagem certa e clara e de fácil entendimento para todos. Outra característica das charges de *Arquitetura* é que elas são autoexplicativas e em alguns casos estão acompanhadas de pequenos textos que tem por finalidade enfatizar a mensagem que quer ser transmitida nos desenhos.

---

<sup>6</sup> De forma geral, havia uma conexão entre a editorial do número publicado com a charge. No entanto, em alguns casos elas aparecem em mais de uma edição. Isto, em princípio, pode significar uma tentativa por manter e prolongar a discussão de determinados temas.



Figuras 10 e 11: Capas das revistas *Guanabara* (n.1, ago. 1961) e *Arquitetura* (n.6, dez. 1962)

Apesar de que as charges apareceram regularmente em quase todos os números dos primeiros anos da revista, entre 1966 e 1967 elas deixaram de ser publicadas; este fato pode estar relacionado ao sistemático controle aos meios de comunicação por parte do Governo Militar<sup>7</sup>. Ainda, em relação a isto último, chama a atenção de que as charges voltadas para a crítica habitacional deixassem de aparecer justamente a partir desse período. Da mesma forma que a revista, as charges<sup>8</sup> também giraram em torno de temas específicos: 1. Situação e crítica profissional; 2. Crítica arquitetônica; 3. Problemas

<sup>7</sup> No caso peruano, por exemplo, a revista *El Arquitecto Peruano* tinha que submeter a apreciação os números a serem publicados, também, ao Governo Militar. Assim, os militares definiam o que seria publicado podendo, em muitos casos, censurar determinadas temáticas e artigos. Ao respeito ver: HUAPAYA (2014).

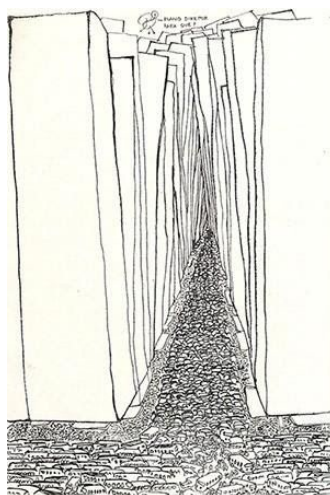
<sup>8</sup> No total foram identificadas 32 charges. Todas elas estão identificadas por um dos três autores: Claudius, Fortuna e Jota. O primeiro publicou 26 charges (n. 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 25, 26, 30, 31, 67, 68, 69, 70, 72-73 e 74), o segundo 5 charges (n. 37, 39, 41, 43 e 46) e o último somente uma (n. 10).

urbanísticos e de planejamento e; 4. Situação da moradia. Neste artigo interessa-nos, em especial, focar nos últimos dois casos<sup>9</sup>.

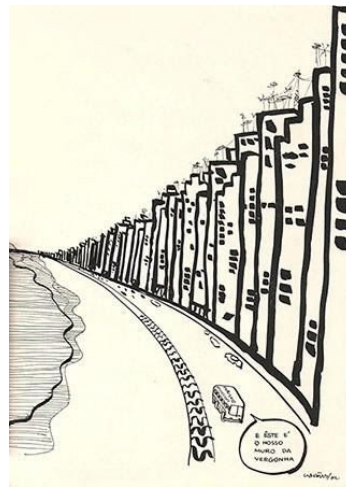
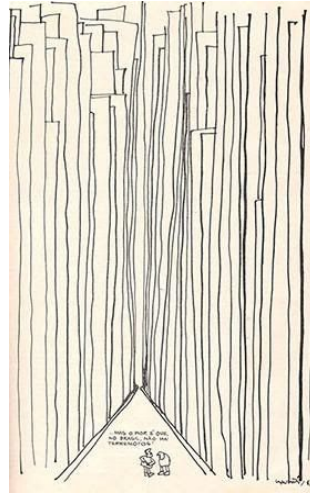
#### 4.1 Urbanismo e planejamento urbano

Neste item foram identificados quatro subtemas: o crescimento caótico das cidades, a falta ou ineficácia da legislação urbana, o processo de adensamento das cidades e crescimento populacional e, os problemas gerados pelo tráfego. É interessante frisar que em quase todos os casos não se fazia referência a nenhuma cidade específica; isto quer dizer, como de fato se afirmava nas revistas, que esses problemas eram comuns às principais capitais brasileiras, apesar de que em alguns casos a topografia e características do terreno lembrem o Rio de Janeiro.

Alguns casos são relevantes. Dentre eles podemos mencionar a crítica à densificação de terrenos localizados em orlas marítimas (Figura 12). Apesar de se tratar de uma charge de 65 anos, ela se mantém atual em vista dos problemas gerados pelo uso desse gabarito, em especial, o sombreamento de praias, como acontece atualmente em cidades como Recife e Salvador.



<sup>9</sup> A distribuição das 32 charges segundo temática é a seguinte: 10 do tema 1 (n. 8, 10, 12, 13, 21, 26, 46, 67, 69 e 72-73), 4 do tema 2 (n.18, 20, 37 e 68), 13 do tema 3 (n.6, 7, 9, 10, 11, 14, 16, 17, 25, 30, 39, 70 e 74) e, 5 do tema 4 (n.15, 19, 31, 41 e 43). Essa classificação, no entanto, não implica que em alguns casos mais de uma das temáticas apontadas apareçam em mais de uma charge.

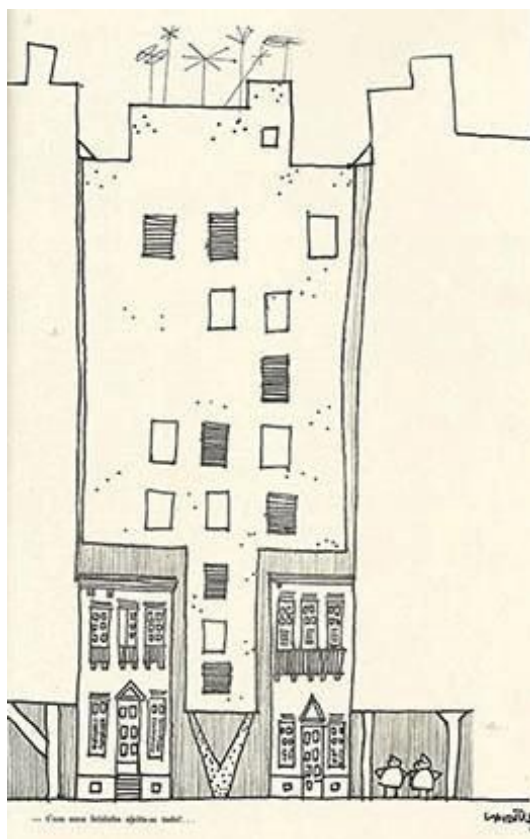


Figuras 12, 13 e 14: Nas charges, respectivamente, lê-se:

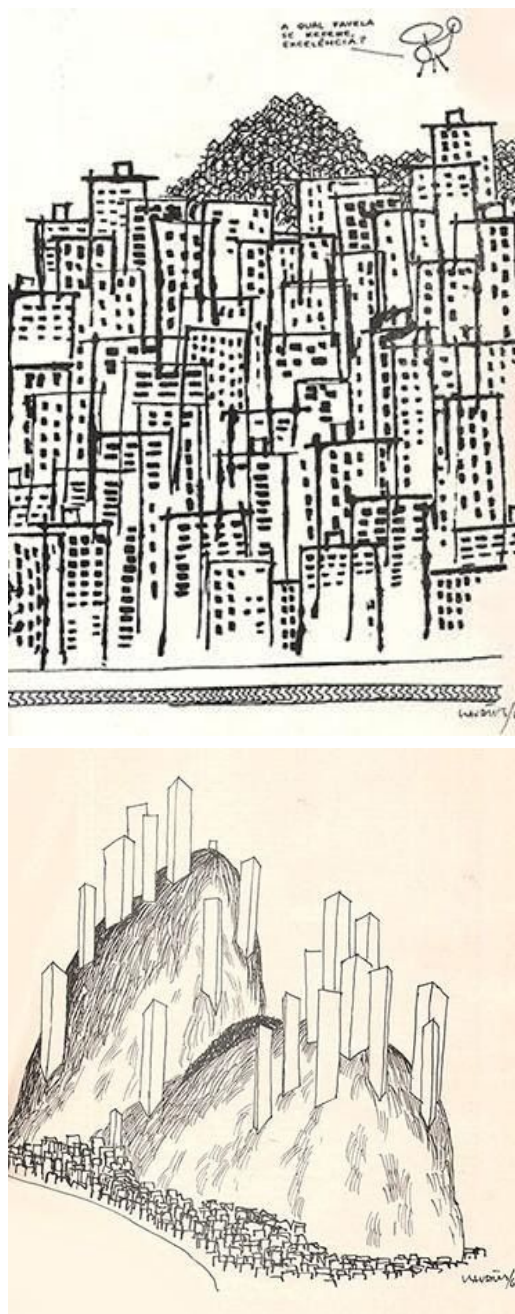
“E este é o nosso muro da vergonha” (*Arquitetura*, n.6, dez. 1962); “Plano Diretor para que?” (*Arquitetura*, n.11, maio 1963) e; “Mas o pior é que, no Brasil, não existem terremotos” (*Arquitetura*, n.16, out. 1963)

Nessa mesma linha podemos mencionar as charges voltadas para a crítica à ineficaz adequação e implementação dos Planos Diretores. Nesses casos percebe-se uma preocupação em relação ao planejamento das cidades, propondo uma “visão apocalíptica” do caos urbano gerado não só pelo transporte, mas também pela alta densificação e gabarito das edificações (Figuras 13 e 14). Estas questões vão de encontro e estão atreladas aos problemas gerados, de um lado, pela legislação existente e, do outro, pela ocupação indiscriminada do solo urbano (este último está diretamente relacionado com as discussões do s.HRu).

Em relação à legislação urbanística, as charges almejavam mostrar a fragilidade da mesma, uma vez que esta era passível de interpretações diversas, podendo ser usada a depender dos interesses do capital privado (Figura 15). Já no caso da densificação do solo urbano, questionava-se a ideia do progresso através da ocupação de um morro com uma série de edifícios de habitação voltados para as classes média e alta, fazendo apologia às favelas (Figuras 16 e 17).







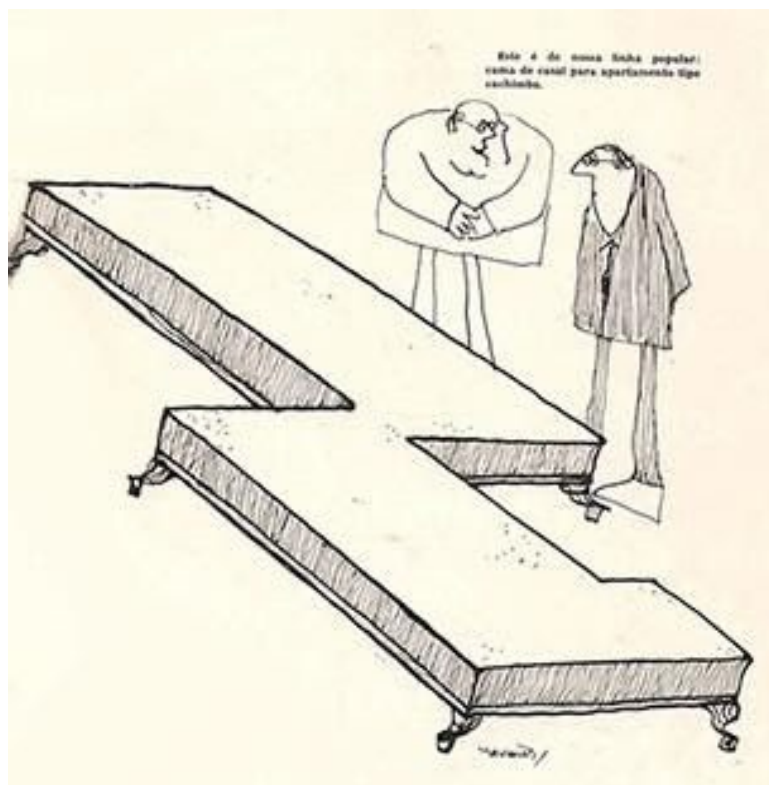
Figuras 15, 16 e 17: Nas charges, respetivamente, lê-se: “Com uma leizinha ajeita-se tudo” (*Arquitetura*, n.7, jan. 1962); “A qual favela se refere excelência?” (*Arquitetura*, n.10, abr. 1963) e; charge sem texto (*Arquitetura*, n.17, nov. 1963)

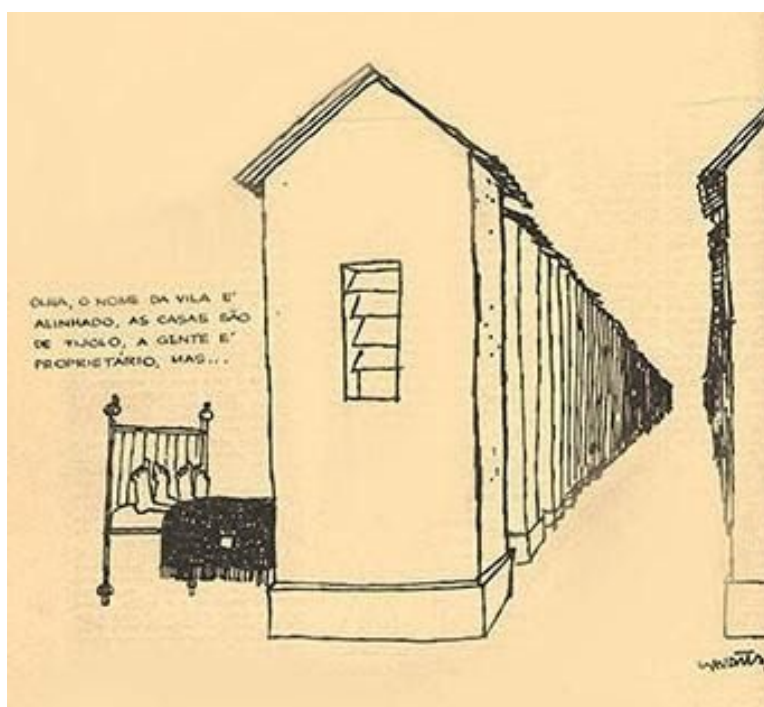
## 4.2 Habitação social

Apesar de as charges desta temática estarem em menor número se comparadas às charges de urbanismo e planejamento urbano, elas são significativas. Foram três subtemas identificados:

pré-fabricação, padronização dos conjuntos e críticas ao dimensionamento e as áreas internas das unidades habitacionais. Entende-se que todas elas estão diretamente relacionadas ao ideário defendido pelo IAB e à política habitacional iniciada pelo Banco Nacional da Habitação (BNH) criado pela Lei nº 4.380, de 21 de agosto de 1964.

Três charges são particularmente simbólicas e se destacam por terem um conteúdo atual além de estarem relacionadas com o problema habitacional em três escalas diferentes: a dos cômodos, a da unidade e a do conjunto. Na primeira escala chama-se atenção para a péssima distribuição e forma dos cômodos através de uma cama de casal deformada; na segunda escala a crítica volta-se para as áreas reduzidas das unidades habitacionais e; na última escala, a urbana, o foco centra-se nos problemas gerados pela padronização e homogeneização da moradia, e a perda das particulares e diversidade.





Figuras 18, 19 e 20: Nas charges, respectivamente, lê-se: “Este é de nossa linha popular: cama de casal para apartamento tipo cachimbo” (*Arquitetura*, n.15, set. 1963); “Exatamente como no anúncio cavalheiro: saleta, sala, quarto, jardim de inverno” (*Arquitetura*, n.19, jan. 1964) e; “Olha, o nome da vila é Alinhado, as casas são de tijolo, a gente é proprietário, mas...” (*Arquitetura*, n.31, jan. 1965)



O que pode ser percebido em ambos tipos de charges (Urbanismo e planejamento e habitação) é, de um lado, um posicionamento crítico em relação à lógica e à produção do mercado imobiliário influenciado pelo capital privado; do outro, mostra-nos a cada vez menor intervenção do poder público nessas questões. Mas, também, é possível entender que parte dessa estratégia de comunicação tivesse como finalidade sensibilizar os arquitetos e urbanistas sobre os complexos processos pelos que passavam as cidades brasileiras, mas, também, reforçar a ideia de que seriam eles os profissionais mais “capacitados” para enfrentá-los, propondo soluções acertadas<sup>10</sup>.

## 5. Considerações finais

*Arquitetura* demonstrou desde a sua primeira edição uma posição política clara em relação ao crescimento e problemática das cidades brasileiras, com destaque à habitação social e à reforma urbana. Esses temas foram centrais na sua proposta editorial o qual se compunha de artigos críticos, reportagens e notas voltadas para um público bem mais específico. Nesse sentido, o uso de charges pode ser entendido como uma forma de aproximar essas problemáticas à sociedade, fomentando o sentido de “pertencimento” e conscientizando-a sobre esses processos. De fato, muitas delas têm como característica principal a “transmissão” de uma ideia de forma irônica, mas, no entanto, real de determinadas situações.

Nesse sentido, chama a atenção como essa linguagem adequava-se e ajudava a abordar, de maneira peculiar, temas às vezes muito complexos, de um jeito simples, mas crítico, opinativo, e principalmente bem-humorado. As ilustrações endereçavam assuntos explorados na edição em que eram impressas; retomavam um

---

<sup>10</sup> De fato, a “função social” do arquiteto e seu papel de destaque “nas equipes multidisciplinares formadas por técnicos e especialistas que se ocupavam por dar solução aos problemas sociais” (HUAPAYA, 2015, p.70) eram ideias defendidas em diversos fóruns de escala continental como os Congressos Pan- Americanos de Arquitetos.

assunto ou uma ideia de edições anteriores; inseriam-se em um contexto mais amplo através de comentários sobre acontecimentos contemporâneos à sua publicação; ou inclusive as resumiam graficamente.

Ainda é importante destacar o impacto das charges de *Arquitetura* como uma aproximação instantânea, e muito mais democrática do que um texto técnico. Esse tipo de abordagem lúdica tinha o poder de suscitar a reflexão sobre os temas expostos, compelindo o leitor a relacionar o desenho com os pensamentos e fatos expostos nas páginas da revista, ou simplesmente decodificar a ilustração através de sua própria leitura de mundo e bagagem intelectual.

Por fim, a análise das charges de *Arquitetura* revela-nos um olhar atento e crítico dessa agremiação sobre as transformações das cidades brasileiras à época e, ainda, permite-nos refletir sobre como muitas questões apontadas cinquenta anos atrás ainda são vigentes em nossas cidades ou, simplesmente, não foram resolvidas.

## Referências

- ALMANDOZ, Arturo. Mudanças políticas e institucionais para o planejamento latino-americano do segundo pós-guerra. In: GOMES, M. A. A. F. (Org.). **Urbanismo na América do Sul: circulação de ideias e constituição do campo, 1920-1960**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 231-259.
- ALMEIDA, Eneida de. **O "construir no construído" na produção contemporânea: relações entre teoria e prática**. 2010. 236 f. Tese (Doutorado), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP, São Paulo, 2010. Cap. 2. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-26042010-150955/pt-br.php>>. Acesso em: 27 mar. 2017.
- AMADO, Antonio. Las caricaturas de los arquitectos. **Ega - Revista de Expresión Gráfica Arquitectónica**, Valência, n. 21, p.96-107, 2013. Disponível em: <<https://polipapers.upv.es/index.php/EGA/article/viewFile/1527/1833>>. Acesso em: 01 mar. 2017.
- BAXANDALL, Michael et al. Visual Culture Questionnaire. **October**, Cambridge-MA, v. 77, p. 25- 70, 1996. Disponível em: <<http://faculty.georgetown.edu/irvinem/theory/VisualCultureQuestionnaire-October-77-1996.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2017.
- BONDUKI, Nabil; KOURY, Ana Paula. Das reformas de base ao BNH. As propostas do Seminário de Habitação e Reforma Urbana. **Vitruvius**, São Paulo, n. 120.02, a. 10, maio 2010. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/%2010.120/3432>>. Acesso em: 09 abr. 2017.
- CERNA, Horacio Ramos. **Destrucción y reinención de la Plaza de Armas: Estilo neocolonial y modernización urbana en Lima, 1924-1954**. 2014. 172 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Maestría en Historia del Arte, Pontificia Universidad Católica de Perú, Lima, 2014. Disponível em: <<http://tesis.pucp.edu.pe/repositorio/handle/123456789/5551>>. Acesso em: 25 mar. 2017.
- CISNEROS, Marta. La ciudad de Lima bajo la mirada de Héctor Velarde. **Textos Arte**, Lima, v. 3, p.173-194, nov. 2015. Disponível em: <<http://facultad.pucp.edu.pe/arte/files/2016/07/TEXTOS-ARTE-2015.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2017.
- CODEBÓ, Agnese. **La oposición a un régimen represivo a través de la sátira, la caricatura y la historieta: la revista 'Humor' y la dictadura argentina (1976-1983)**. In Actas VI Encuentro Interdisciplinario de Ciencias Sociales y Humanas, Facultad de filosofía y humanidades, Universidad Nacional de Córdoba, Córdoba, 2009.
- COLEÇÃO revista Arquitetura (dez. 1962 - dez. 1968).
- COLEÇÃO revista Guanabara (ago. 1961 - mar./abr. 1962).
- D'ATHAYDE, E. M. **Entre o dizer e o não-dizer: a charge política e a relação com o silêncio**. 2010. 111 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras. Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas-RS, Pelotas, 2010.
- EDITORIAL. **Guanabara**, Rio de Janeiro, n.6, dez. 1962, p.3.
- EXISTE uma luta. **Guanabara**, Rio de Janeiro, n.1, ago. 1961, p.8.
- FERNANDES, Ana; SAMPAIO, Heliodório; GOMES, Marco Aurélio. A constituição do urbanismo moderno na Bahia (1900-1950): construção institucional, formação profissional e realizações. In: CARDOSO, Luiz Antônio Fernandes; OLIVEIRA, Olívia Fernandes de (Org.). **(Re)Discutindo o Modernismo. Universalidade e diversidade**

**do Movimento Moderno em Arquitetura e Urbanismo no Brasil.** Salvador: Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da UFBA, 1997. p. 201- 213.

FERREIRA, Renato Fonseca. A Charge como Ferramenta da Arte-Comunicação. **Panorama**, Goiás, v. 2, p.74-81, nov. 2011. Disponível em:

<<http://seer.ucg.br/index.php/panorama/article/viewFile/1866/1166>>. Acesso em: 21 fev. 2017.

HUAPAYA ESPINOZA, José Carlos. **Fernando Belaunde Terry y el ideario moderno. Arquitectura y urbanismo en el Perú entre 1936 y 1968 / Fernando Belaunde Terry e o ideario moderno. Arquitetura e urbanismo no Peru entre 1936 e 1968.** Lima: EDUNI/EDIFAU/PPGAU-UFBA, 2014.

HUAPAYA ESPINOZA, José Carlos. Reflexões sobre a forma urbana latino-americana. O aporte dos Congressos Pan-Americanos de Arquitetos e da Sociedad Interamericana de Planificación, 1920-1976. **Urbana - Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos da Cidade**, Campinas, v. 7, p. 63-88, 2015.

IAB-BA. Quem somos. Disponível em:

<<http://www.iab-ba.org.br/iab/quem-somos/>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer História com imagens: Arte e cultura visual. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, 2006.

MAGALHÃES, Marcelo de Souza. Crônicas da vida na cidade: o cotidiano da política nas charges da Revista Ilustrada. **Urbana: Dossiê: Cidade, Imagem, História e Interdisciplinaridade**, Campinas, v. 2, 2007. Disponível em:

<<http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/view/1014>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

MARQUES DE MELO, José. **A opinião no jornalismo brasileiro.** Petrópolis: Vozes, 1994.

MARTINS, Raimundo. Porque falamos e como falamos da cultura visual? **Visualidades**, Gôiania, v. 4, n. 1 e 2, p. 65-79, jan./dez., 2006.

MENDES, Izabel Cristina Reis. **Programa favela-bairro: uma inovação estratégica? Estudo do programa favela-bairro no contexto do plano estratégico da cidade do Rio de Janeiro.** 2006. 203 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Usp, São Paulo, 2006.

MIRZOEFF, Nicholas. **How to see the world.** New York: Pelican, 2015.

MITCHELL, WJT. **Picture theory: essays on verbal and visual representation.** Chicago/London: The University of Chicago Press, 1994.

PHAIDON (Org.). **Le Corbusier. Le Grand.** New York: Phaidon, 2008.

VELARDE, Héctor. **Obras Completas. Tomo II.** Lima: Francisco Moncloa Editores S. A., 1966.

VICTORIO CÁNOVAS, Emma Patricia. La 'Agrupación Espacio' y la prensa (1947-1950). **Pacarina del Sur**, Ciudad de México, n. 17, 2013. Disponível em:

<[https://pacarinadelsur.comindex.php?option=com\\_content&view=article&id=823&catid=5&Itemid=9](https://pacarinadelsur.comindex.php?option=com_content&view=article&id=823&catid=5&Itemid=9)>. Acesso em: 12 mar. 2017.

## Resumo

Inicialmente, o artigo caracteriza o conceito de “Cultura Visual” como a atribuição de significados a imagens partindo de uma perspectiva cultural e relaciona-o com charges e caricaturas. Em

seguida, parte-se para uma análise mais específica tendo como estudo de caso a revista *Arquitetura*, órgão oficial do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) e publicada entre 1961 e 1968. O uso desse tipo de linguagem pode ser entendido como forma de conscientizar os profissionais a respeito de sua função social, levantando questões e elaborando críticas pertinentes sobre urbanismo, planejamento urbano e habitação social - dentre muitos outros temas. A análise das charges de *Arquitetura* revela-nos um olhar atento e crítico dessa agremiação sobre as transformações das cidades brasileiras e, ainda, permite-nos refletir sobre como muitas questões apontadas cinquenta anos atrás ainda são vigentes em nossas cidades.

**Palavras-chave:** Charges. Cultura Visual. Revista *Arquitetura* IAB. Urbanismo. Habitação Social.

### Abstract

To begin with, this article defines the concept of “Visual Culture” as an attribution of meanings to images through a cultural perspective, and soon afterwards it relates such concept with editorial cartoons and caricatures. Then it enters on a more specific analysis, having as case of study the magazine entitled *Arquitetura*, official publication of the Institute of Architects of Brazil from 1961 to 1968. The use of such type of drawings can be understood as an attempt to raise awareness on the professionals regarding their social responsibilities, elaborating relevant criticism about urbanism, urban planning and social housing - among many other topics. The analysis of *Arquitetura*'s editorial cartoons reveals the periodical's concern about Brazilian cities' transformations and, moreover, allows us to reflect upon how many of the issues presented fifty years ago are still common in our cities.

**Keywords:** Editorial Cartoons. Visual Culture. *Arquitetura* IAB Magazine. Urbanism. Social Housing.

### Resumen

Inicialmente, el artículo caracteriza el concepto de “Cultura Visual” como la atribución de significados a imágenes partiendo de una perspectiva cultural y relacionándolo con caricaturas. A continuación, nos centramos en un análisis más específico teniendo como estudio de caso la revista *Arquitetura*, vehículo oficial del Instituto de Arquitectos do Brasil (IAB) y publicada entre 1961 y 1968. El uso de ese tipo de lenguaje puede ser entendido como forma de concientizar los profesionales en relación con su función social, formulando cuestiones y elaborando críticas pertinentes sobre urbanismo, planeamiento urbano y vivienda social - entre muchos otros temas. El análisis de las caricaturas de *Arquitetura* nos muestra una mirada atenta y crítica de ese gremio sobre las transformaciones de las ciudades brasileñas y, también, nos permite reflexionar sobre como muchas de las cuestiones indicadas cincuenta años atrás son aún vigentes en nuestras ciudades.

**Palabras clave:** Caricaturas. Cultura Visual. Revista *Arquitetura* IAB. Urbanismo. Vivienda Social.